

## Dualismo Cartesiano – Comunicação entre corpo e alma<sup>1</sup>

Eder Fernando Cardoso Bülle

**Resumo:** Este trabalho dedica-se a analisar o percurso cartesiano na obra *Meditações Metafísicas*, a fim de, entendendo o método proposto por Descartes, compreender de que forma o pensador atingiu suas certezas a respeito das substâncias corpo e alma e, por fim, como se dedicou para concluir a existência não só de tais substâncias, mas também da comunicação entre elas.

**Palavras-chave:** Descartes; Corpo; Alma; Substância.

**Abstract:** This work is dedicated to analyzing the cartesian way in the work *Metaphysical Meditations*, in order to, understanding the method proposed by Descartes, understand how the thinker reached his certainties about the substances body and soul and, finally, how he dedicated himself to conclude the existence not only these substances, but also the existence of the communication between them.

**Keywords:** Descartes; Body; Soul; Substance.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção de Título de Licenciado em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Orlando Bruno Linhares.

## 1. Introdução

O presente trabalho irá investigar como o pensador francês René Descartes (1596-1650) alcançou suas certezas a respeito das substâncias corpo e alma, bem como a comunicação estabelecida entre elas. Na segunda seção, será apresentado o método desenvolvido pelo pensador, que foi utilizado como base para a elaboração de suas *Meditações Metafísicas*, por onde ele estabelece quatro preceitos a saber; a evidência, a análise, a síntese e a enumeração; para a construção de um conhecimento seguro. Assim, Descartes se vale do crivo da razão para atingir suas certezas. Na terceira seção será investigado como Descartes alcança sua primeira certeza, o *cogito*, de onde parte para constatar outros conhecimentos a partir dos atributos da alma, os pensamentos.

Será também abordado um outro problema, que ainda antes de constatar sua primeira certeza, Descartes se depara: a possibilidade da existência de um Gênio maligno que estaria ofuscando sua razão, o que poria em risco a elaboração de quaisquer conhecimentos verdadeiros, ainda que estas partam de evidências claras e distintas. Será então discutido na quarta seção como Descartes lida com este problema, a fim de prosseguir de modo seguro em seu percurso epistemológico, de maneira a encontrar os caminhos que o levarão a descobrir as essências dos corpos.

Na quinta seção será explorada a existência dos corpos, por meio da reflexão cartesiana a respeito da faculdade da imaginação, por onde Descartes se vale do princípio da causalidade para provar a existência dos corpos. Por fim, na sexta sessão, será explorada a relação estabelecida entre corpo e alma, onde será apresentado como Descartes estaria pronto para prosseguir com sua hipótese a fim de demonstrar a relação entre corpo e alma.

## 2. O Método de Descartes

Como ponto de partida, cumpre expor alguns aspectos centrais do método desenvolvido por Descartes, extraídos da obra *Discurso do Método* deste pensador. Esta abordagem será importante para depois percorrer as reflexões cartesianas na direção da descoberta das substâncias corpo e alma, e a relação estabelecida entre elas, que são mais exploradas na obra *Discurso do Método*.

Cumpre dizer que Descartes teve acesso a uma boa formação intelectual, tendo sido educado no colégio jesuíta *La Flèche*. Apesar disso, o pensador identifica em si próprio um aspecto, tomado por vantagem, muito próximo a uma perspectiva socrática ao notar a própria ignorância. Não presumia ele que seu espírito fosse mais perfeito do que o de outros. E no juízo que fazia de si próprio, buscava pender mais para a desconfiança do que para a presunção. Disso, reconheceu uma necessidade de pensar um método que pudesse lhe

permitir atingir um conhecimento verdadeiro e indubitável, conquistando assim verdades que pudessem viabilizar uma edificação de um conhecimento sólido e veraz. Por meio então da prática do solilóquio, identifica o caminho da razão como o mais eficaz para essa busca, ao invés de um percurso dialético que poderia oscilar com a verdade de acordo com a habilidade argumentativa.

Em seu percurso, Descartes precisava enxergar qual seria um caminho mais certo para se alcançar tal verdade. Reconhecia que havia pseudoverdades, adquiridas por ele próprio desde seus primórdios, que eram assumidas por meio de suas experiências e conhecimentos advindos de vivências e tradições. Para o pensador, os métodos de prova empregados não eram eficazes para alcançar os objetivos propostos, isto é, da certeza inquestionável, não sendo, portanto, dignos de serem base para busca de outros conhecimentos. Por isso, ele propõe um novo método. Esta reflexão levou Descartes inicialmente a um certo imobilismo. Não seria seguro tomar conhecimentos por verdades e certezas, uma vez que estes seriam baseados em conhecimentos que não haviam passado pelo crivo da razão, tendo tido e somente sido submetidos às sessões dialéticas e argumentativas que poderiam, de acordo com a habilidade do interlocutor, carregar a verdade para um lado ou para outro. Este fato impediria o avanço pretendido por Descartes em sua busca epistemológica rigorosa, a fim de se obter verdades, ou conhecimentos verdadeiros.

Descartes dialoga não somente com seus contemporâneos, mas com toda uma tradição filosófica do renascimento e da escolástica, estabelecendo uma construção que fazia oposição ao aristotelismo medieval. O método mais utilizado na Idade Média não satisfazia Descartes. A prática do *disputatio*, aplicada para se discutir aspectos metafísicos e para atingir o conhecimento científico, viabilizaria, segundo ele, conclusões diversas e contrapostas, dependendo do caminho argumentativo que se escolhesse. Isso fazia com que os conhecimentos alcançados, ou pelo menos aquilo que era assim tomado como tal, tivessem muito mais relação com a habilidade argumentativa do que com a verdade em si do objeto ou evento. Descartes então nega o método escolástico aplicado com influência aristotélica. Para Descartes, a Filosofia não mais deveria seguir sendo um mecanismo da Teologia, por assim dizer, mas deveria buscar sua autonomia, em busca da razão e do verdadeiro conhecimento.

Outro aspecto que contribuiu para Descartes optar pelo solilóquio foi ele considerar que o raciocínio desenvolvido de modo isolado, individual, poderia mais facilmente viabilizar um caminho em direção da verdade, uma vez que notava divergências entre aqueles que se colocavam a explicar conhecimentos ou ensinamentos, como por exemplo faziam os preceptores que, ao orientar a criança, não necessariamente atingiam um consenso e nem sempre aconselhavam aquilo que seria a melhor escolha ou o melhor caminho. Isso

demonstrou para Descartes que a maior possibilidade de se atingir a verdade se daria por meio de um percurso racional, desenvolvido a partir do indivíduo. Descartes, no *Discurso do Método* traz que “...não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou.”<sup>2</sup>

Ao propor um modo de investigação apoiado unicamente no sujeito que investiga, Descartes se opõe aos diferentes métodos, que se apoiam no diálogo: as dialéticas socrática e platônica, a dialética aristotélica e a *disputatio* dos escolásticos, o que levou o pensador a adotar um percurso solitário. Inclino-me a concordar com o posicionamento de Descartes em assumir tal posição, porque uma vez que a verdade depende de uma disputa argumentativa, a ambição individual, ou desejo de vitória argumentativa dos interlocutores, pode facilmente contaminar o debate encobrendo, ainda que eventualmente de maneira sutil, a verdade e, neste momento, não restará outra alternativa ao observador a não ser tomar por certa a posição daquele que melhor defendeu sua tese, ou atacou a do outro com mais competência. Porém isso não significaria concluir o atingimento de uma tese infalível. Neste momento o pensamento é induzido para um caminho argumentativo que pode deixar de lado aspectos outros, que se devidamente considerados, poderiam desconstruir toda tese elaborada.

Uma outra reflexão, ao retomar a analogia apresentada por Descartes a respeito dos mestres de obras, é que sempre haverá um entre os mestres envolvidos que possuirá maior interesse e dedicação na busca da perfeição da obra. Este, se sozinho, se verá na necessidade de ter um maior conhecimento e cuidado não só com os detalhes de uma parte menor, que haveria lhe sido confiada, mas dos detalhes do todo. Isso lhe oferecerá diferentes lentes de observação, o que me faz concordar com o raciocínio de Descartes em relação ao percurso solitário, uma vez que sua pretensão era ambiciosa e buscava um conhecimento indubitável, portanto, no qual deveria se cercar de ações que garantissem que ele não assumiria quaisquer possibilidades que poderiam se mostrar frágeis ou inverossímeis e que, doravante, poderiam colocar em risco seu edifício epistemológico.

Descartes tomava não só o percurso, mas também o propósito, ou o destino de tal percurso, como um elemento importante a ser considerado em tal busca pelo conhecimento verdadeiro. Como é possível ver em sua obra *Discurso do Método*:

...se Esparta foi outrora muito florescente, não o deveu à bondade de cada uma de suas leis em particular, visto que muitas eram bastante alheias e mesmo contrárias aos bons costumes, mas ao fato de que, tendo sido inventadas apenas por um só, tendiam todas ao mesmo fim.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: **Obras escolhidas**. Guinsburg, J. (Org.); Romano, R (Org.); Cunha, N (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 70.

<sup>3</sup> Ibid., p. 71.

Aqui é possível notar o sentido de propósito que inspira Descartes onde, sendo aquele um destino esperado em qualquer percurso lógico, pode impactar, se diferente, no caminho para a construção dos conhecimentos. Não pretendia Descartes colocar suas crenças mais fortes em suspenso pelo simples fato de duvidar. Havia deliberadamente uma intenção de, ao destruir, ter como objetivo o atingimento de verdades. Além disso, pretendia o pensador não destruir tudo, conservando então aquilo que poderia ser útil para conclusões verdadeiras. Seu propósito era nobre e se referia a atingir uma verdade indubitável, no que se diferenciava dos céticos de sua época. Ainda no *Discurso do Método*, temos:

Não que imitasse, para tanto, os céticos, que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos: pois, ao contrário, todo o meu intuito tendia tão somente a me certificar, e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila.<sup>4</sup>

Neste trecho citado notamos, além de seu interesse de explicitar sua evidente diferença em relação aos céticos, a pretensão de Descartes em deixar claro o caminho que pretende tomar. Encontrar a rocha, ou argila, ou a solidez necessária para se construir, tirando da frente a terra movediça, ou a areia, ou a falsa solidez que não deveria ser tomada por base, sob o risco de afundar todo conhecimento que viesse a se apoiar em uma base frágil. A rocha ou a argila representariam o que ele viria a encontrar por meio de seu percurso racional, onde se apoiaria para construir e avançar apenas sobre bases firmes, e a terra movediça ou a areia representariam aquilo que colocaria em suspenso, não deixando pseudoverdades serem utilizadas como referências em sua busca pelo conhecimento verdadeiro.

Este caminho solitário de Descartes lhe conduzia a uma busca individual pelo conhecimento verdadeiro e, pretendia ele ao que interpreto, elaborar uma estrutura de conhecimento que lhe demonstrasse indubitabilidade em sua esfera pessoal, o que significaria dizer que, ao compartilhar seu método, não pretendia ele insinuar ou sugerir a todos que o tomasse por única ou melhor via. Na obra *Discurso do Método*, o pensador traz: "...tendo em minha obra me agradado bastante, eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo."<sup>5</sup> Descartes pretende então expor o seu percurso, o seu método, por onde deixa claro alguns critérios e cuidados. O pensador assume então quatro preceitos para tomar como método de construção do conhecimento, assumindo também a necessidade de os manter sempre à vista, enquanto caminhava na edificação dos conhecimentos.

O primeiro preceito, a evidência, passaria por, antes de assumir algo por verdadeiro, conhecê-lo evidentemente como tal, incluindo como conhecimento apenas quando este for

---

<sup>4</sup> DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: **Obras escolhidas**. Guinsburg, J. (Org.); Romano, R (Org.); Cunha, N (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 84.

<sup>5</sup> Ibid., p. 73.

apresentado clara e distintamente. Uma vez em posse de um objetivo ambicioso, Descartes se reserva o cuidado de manter-se atento para não aplicar seu juízo sem antes estar diante de uma evidência incontestável, evitando assim cair em conclusões precipitadas ou dotadas de preconceitos adquiridos por meio de sua criação ou vivência. Aqui ele tem diante de si a evidência inquestionável da existência diante do pensamento, sendo impossível para aquilo que pensa a ausência da existência. Peter Markie nos aponta essa direção: "...seria então que ele clara e distintamente percebe a proposição autoevidente de que tudo o que está pensando deve existir...".<sup>6</sup>

Em seguida, vem o segundo preceito, onde Descartes busca uma racionalidade que desmonte em partes menores uma estrutura complexa, para olhar uma a uma, o que pode ou não ser refutado, a fim de viabilizar um caminho mais certo, no que concordo, para uma verdade indubitável. Trata-se da análise, que trataria de dividir cada uma das dificuldades apresentadas e examinadas no número de partes necessárias para uma melhor resolução. Sabendo ser impossível analisar todas as informações ou conclusões obtidas até então em seu espírito, Descartes busca identificar os elementos que, uma vez destituído da verdade por meio do crivo da razão, derrubaria todo conhecimento igualmente constituído a partir deste. Aqui seria possível também identificar elementos que, se assumidos como claros e distintos, poderiam servir como base para avançar na edificação de outros conhecimentos. Pela análise, Descartes irá decompor os conhecimentos complexos, até atingir a alma, identificada como uma substância incorpórea e independente da matéria, tendo os pensamentos como atributos de si.

Em seguida, como terceiro preceito, temos a síntese, onde Descartes toma primeiramente as partes mais simples em seu pensamento, subindo pouco a pouco até as partes mais complexas. Seria este o momento da edificação. Após destituídas as partes e identificadas as que, assim como as rochas, seriam sustentáveis, Descartes se dirige à reorganização das ideias, podendo subir o próximo degrau sem medo deste possuir uma base frágil, caminhando assim para a elaboração de um conjunto sustentável, por assim dizer, de conhecimento. Ao elaborar sua escalada a caminho da substância material, Descartes se encontra nesta etapa. O pensador trata os elementos que possui em mãos de modo a compor, de maneira sólida, um percurso que evidencie a verdade a respeito da existência material, buscando, por exemplo, por meio do crivo da razão, eliminar a possibilidade de um Gênio maligno que inviabilizaria a validade de alguns conhecimentos claros e distintos.

---

<sup>6</sup> MARKIE, Peter. **O Cogito e sua importância**. In: COTTINGHAM, John (Colab.). **Descartes**. Tradução: André Oídes. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2009. p. 181.

Por último, como quarto preceito temos a enumeração, onde Descartes propõe uma organização numérica para todas as partes, com revisões suficientes para que pudesse estar certo de não deixar nenhuma parte de fora em sua elaboração. Há aqui novamente a presença da cautela cartesiana que se justificaria pela sua ambição de, ao buscar atingir um conhecimento verdadeiro e indubitável, não poder se arriscar a negligenciar os elementos constituintes de tal edifício elaborado. Tal como um engenheiro civil revisa seu projeto, analisando passo a passo os cálculos de fundação e bases constituídas de um edifício, Descartes propõe uma revisão do percurso racional, com um rígido olhar para seu projeto, a fim de garantir que nenhum elemento tenha sido omitido ou mal constituído.

Se tomarmos a aplicação desses preceitos, ou regras, no percurso cartesiano em direção ao *cogito*, veremos que Descartes se desfaz de todas suas crenças, dividindo em partes menores aqueles conhecimentos supostamente assumidos por ele até então como verdadeiros. Focalizando naqueles que representariam a fundação dos elementos que possuía, uma vez que seria impossível analisar a todos de acordo com seu rigor, Descartes estabelece um filtro a fim de identificar os que que satisfariam ou não seu desejo em atingir verdades indubitáveis pelo crivo da razão. O pensador então parte para os conhecimentos mais simples, ou evidências indubitáveis, que serviriam de sustentação para a estrutura de conhecimento que viria a construir, caminhando na direção de elementos de maior complexidade, por onde finaliza enumerando as certezas atingidas por meio deste percurso que o fez chegar, primeiramente ao eu, depois em Deus, para então constatar as verdades da substância material e sua relação com o eu, ou a alma.

No percurso feito por Descartes em relação à alma, ao atingir o *cogito*, o pensador se depara com uma evidência clara e distinta, uma vez que não se podia duvidar da existência de algo que duvida. A própria existência da dúvida já evidenciaria a presença de um “duidador”, por assim dizer. Quando caminha na direção da existência dos corpos, após uma conclusão e prova da existência de Deus, que será brevemente demonstrada nas próximas sessões, Descartes atinge a evidência clara e distinta da existência dos corpos, uma vez que possui em suas mãos a prova de existência de um ser de natureza perfeita, cujas intensões não fariam sentido serem na direção do engano. Este aspecto evidenciaria a realidade das afecções tomadas pelos sentidos. Por fim, a evidência clara e distinta presente na relação entre a alma e o corpo se evidencia por meio da imaginação e da afecção, sendo estas faculdades, que possibilitam a origem de determinadas ideias, podendo somente estar presente em um corpo físico, uma vez que trata de acessar as informações advindas do mundo exterior e comunicá-las para a alma, o que evidenciaria a relação entre as duas substâncias. A prova dos corpos, que Descartes atinge, onde traz a imaginação como um dos

fatores presentes, demonstra tal evidência da conexão estabelecida, pois conecta o que está no mundo exterior à percepção do eu subjetivo.

Ao desenvolver seu método, Descartes entende ter jogado luz em um caminho para sua busca. Agora estaria diante de uma tarefa realizável pois, em suas palavras na obra *Discurso do Método*: "...não me foi muito penoso procurar por quais devia começar, pois já sabia que havia de ser pelas mais simples e pelas mais fáceis de conhecer..."<sup>7</sup>. Assim, com os preceitos definidos, bastava então colocar em prática seu método. Como nos traz na mesma obra, *Discurso do Método*, o pensador vislumbra em sua proposta um ambiente que o auxiliou a caminhar e até mesmo a entender melhor alguns aspectos tomados antes por difíceis de serem resolvidos:

...tendo começado pelas mais simples e mais gerais, e constituindo cada verdade que eu achava uma regra que me servia em seguida para achar outras, não só consegui resolver muitas que julgava antes muito difíceis, como me pareceu também, perto do fim, que podia determinar, mesmo naquelas que ignorava, por quais meios e até onde seria possível resolvê-las.<sup>8</sup>

Descartes então não só encontra um caminho aberto para andar em sua busca dos elementos postos, mas também se beneficia, pelo efeito do método, mesmo com aqueles aspectos antes ignorados, o que reforça sua convicção de ter em mãos um método funcional. Em suas palavras, ainda no *Discurso do Método*: "...o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética."<sup>9</sup> Há também, por trás deste raciocínio, um anúncio de Descartes a respeito da necessidade de renovação do ensino de Filosofia, tendo a matemática por referência para se buscar uma ciência universal com os mesmos critérios e rigor. O método lhe ofereceria a possibilidade de atingir todas as certezas possíveis de serem alcançadas, a começar pela matemática e após, partindo para outras ciências.

O caminho assumido por Descartes o levou a utilizar a dúvida como aliada e método em sua elaboração. Trataria de se elevar ao extremo sua régua de certeza, buscando descartar quaisquer elementos que pudessem ter, ainda que minimamente, sua veracidade posta em dúvida. Para o objetivo de Descartes não deveria haver o menor espaço para dúvidas. Ainda que uma possibilidade remota fosse minimamente sustentável, mesmo que parecesse ridícula ao senso comum, se se apresentasse como uma possibilidade, deveria ser considerada para evitar um apoio em um solo de areia movediça com aparência de argila, o que faria ruir posteriormente tudo que sobre este solo estivesse estabelecido. A dúvida

---

<sup>7</sup> DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: **Obras escolhidas**. Guinsburg, J. (Org.); Romano, R (Org.); Cunha, N (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 76.

<sup>8</sup> Ibid., p. 77.

<sup>9</sup> Ibid., p. 77.



hiperbólica também pode se dizer que foi uma metodologia para o pensador, não permitindo espaço para possibilidades que, doravante, pudessem desconstruir seu edifício, o que daria as condições necessárias para avançar rumo ao atingimento de suas certezas, como veremos mais à frente.

### 3. Concepção cartesiana de alma

Qual seria a relação e importância do famoso *cogito* de Descartes em seu caminho para a descoberta da alma em sua obra *Meditações Metafísicas*? Este é o problema que eu pretendo investigar nesta sessão.

O trajeto de Descartes em busca do conhecimento claro e distinto levou-o a converter a dúvida em método, percorrendo um caminho considerado por alguns tal como o dos céticos e, por assim dizer, extremo. Como vimos na segunda sessão deste trabalho, a partir da elaboração de um método de investigação, Descartes procura, ao se desfazer de suas antigas opiniões sobre os fundamentos do conhecimento, estabelecer as novas bases metafísicas das ciências. Uma vez que atingisse tal objetivo, poderia então ter um solo firme de onde partir. Descartes então tomou o caminho da dúvida hiperbólica, por onde colocou em questão todas as suas antigas opiniões e relativas verdades. Para tal, entendeu que seria um caminho longo a ser percorrido se ousasse atingir todos os conhecimentos que possuía. Tomou a estratégia de, escapando à análise de vários aspectos particulares das opiniões presentes em seu espírito, atacar as estruturas fundantes. Percebeu então que poderia pôr em questão os conhecimentos primários, ou que serviam de fundação para os demais conhecimentos, fazendo ruir tudo o que viesse a se apoiar nestes, e que não possuíssem uma estrutura sólida e inabalável. Como Descartes nos traz em sua obra *Meditações Metafísicas*:

E para isso não é necessário que eu as examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito, mas porque a ruína das fundações arrasta necessariamente consigo todo o resto do edifício, enfrentarei primeiramente os princípios, sobre os quais estavam apoiadas todas minhas antigas opiniões.<sup>10</sup>

O caminho assumido o fez suspender seu juízo em relação a tudo aquilo que havia aceitado como verdadeiro e certo até então. Não somente os métodos predominantemente utilizados pela corrente escolástica e pelos filósofos dos séculos XVI e XVII não lhe serviriam de base, mas também os conhecimentos advindos dos sentidos não mais poderiam ser tomados como verdades inabaláveis. O caminho da percepção sensorial não mais seria uma fonte confiável para o conhecimento, ao menos não neste momento, uma vez que os sonhos que temos, para tomar um exemplo, nos mostraria o grau de confusão ao qual estamos submetidos, uma vez que muitas vezes tomamos por verdade situações que não estão mais

---

<sup>10</sup> DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 32.

do que em nossa mente durante o sono. Na obra *Meditações Metafísicas*, o pensador nos traz:

E detendo-me nesse pensamento, vejo tão claramente que não há indícios conclusivos nem marcas suficientemente certas com base nos quais se possa distinguir nitidamente a vigília do sono que fico completamente pasmo com isso; e meu pasmo é tal a ponto de ele ser quase capaz de me persuadir que durmo.<sup>11</sup>

Descartes pretendia buscar aquilo do qual não se poderia duvidar. Não mais seriam fontes confiáveis de conhecimento as informações visuais, auditivas, palatáveis, ou quaisquer outras advindas dos sentidos. O filósofo chega até mesmo a pôr em dúvida a existência do próprio corpo, mãos, olhos, uma vez que seria possível que tudo o que estivesse percebendo fosse uma ilusão experimentada por seu pensamento ou, no limite, quem sabe haveria um Gênio maligno que empreendesse seus esforços para o enganar, pelas razões que fossem, até nas reflexões mais simples e evidentes como as das matemáticas. Evitando tratar Deus como uma possibilidade maligna, Descartes aventa a possibilidade de tal Gênio maligno como uma situação hipotética de um ser superior que estivesse empenhado em conduzi-lo no caminho do engano.

Descartes, ao submeter à dúvida hiperbólica até os conhecimentos mais prováveis, não tinha o objetivo de, como faziam os céticos radicais, colocar em descrédito conhecimentos pelo simples fato de desacreditar quaisquer possibilidades de conhecimento. Também não pretendia provar que as informações advindas do sentido seriam falsas. Seu objetivo era mais ambicioso, pois intencionava considerar que uma vez que existisse a mínima possibilidade de um conhecimento não ser verdadeiro, este deveria ser descartado, pois o ponto do qual se pretendia partir Descartes, não aceitaria o mínimo de dúvida que pudesse fazer ruir posteriormente quaisquer construções advindas desta fundação. Sua pretensão era alcançar um conhecimento inabalável, que pudesse fundamentar outros conhecimentos. Assim, ele põe em dúvida não apenas suas vivências, mas também, a ciência e a metafísica dos escolásticos e filósofos dos séculos XVI e XVII. Quaisquer que fossem os caminhos tomados pareciam incorrer em um mesmo local de dúvida. Não poderia crer na luz que recebia pelos olhos, uma vez que esta poderia não ser tal como se apresentava, ou mesmo nem existir. Não seria confiável acreditar em suas vestes supostamente carregadas pelo seu corpo uma vez que, em sonho, pode presenciar tal evento como uma inverdade que lhe conduziu ao engano, após ter acordado e constatado estar totalmente nu em sua cama.

O caminho que lhe parecia mais confiável seria o da matemática, uma vez que não haveria possibilidade, independentemente de suas percepções sensoriais, de dois mais três

---

<sup>11</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 33.

não ser cinco, ou de um quadrado ter um número de lados diferente de quatro. Mas se ainda assim, conforme a possibilidade levantada de um Gênio maligno, este o persuadissem a crer que dois mais três são cinco quando na verdade não o são, ou de entender que um quadrado possui quatro lados, quando na verdade não o possui? Apesar de aparentemente distante, essa possibilidade se apresentava e, ainda que mínima, seria suficiente para que aquele não fosse um ponto de partida seguro para o conhecimento inabalável.

Descartes estava diante de um problema. Quais seriam tais conhecimentos que poderiam ser tomados como verdadeiros e inquestionáveis, sendo, portanto, seguros para se estabelecer uma sólida fundação? Ao que parecia, quaisquer informações recebidas, ainda que notadas de maneira clara e distinta, poderiam estar sendo postas de modo a enganar o pensador. Seria possível se atingir algum conhecimento verdadeiro que não oferecesse espaço, o menor que seja, para dúvidas de quaisquer naturezas? Aqui estaria uma importante reflexão para fundar essa base segura de conhecimento. Se estaria ou não a ser enganado, pela informação que fosse, talvez não seria algo que Descartes conseguisse esclarecer neste momento. Porém, se segue daí que não seria possível a inexistência de algo ou alguém que estivesse ou não a ser enganado. Em quaisquer dos casos, esse algo estaria duvidando, e o processo por meio do qual esta dúvida ocorreria seria pelo pensamento. Ainda que não conseguisse concluir quais informações seriam ou não verdadeiras, um ponto seria indubitável, a saber: este algo/alguém, ou Descartes, estaria duvidando, pensando, existindo. Assim, ainda que tivesse um Gênio maligno a lhe enganar, fossem as motivações que fossem, a existência do eu, enquanto objeto que está ou não sendo enganado, seria indubitável. Como podemos ver na obra *Meditações Metafísicas*, este processo leva Descartes em encontro do *cogito*:

Mas há um enganador muito poderoso e muito astucioso que desconheço e que emprega toda sua engenhosidade para enganar-me sempre. Não há dúvida, portanto, de que eu sou, se ele me engana; e que ele me engane tanto quanto quiser: nunca poderá fazer com que eu não seja nada enquanto eu pensar ser algo. Resulta que, após ter pensado bem sobre isso e ter examinado cuidadosamente todas as coisas, é necessário, enfim, concluir e sustentar, invariavelmente, que essa proposição, nomeadamente: eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira sempre que a pronuncio, ou que a concebo em meu espírito.<sup>12</sup>

O início do trecho acima faz uma afirmação que pode sugerir que Descartes acredita na existência de um Gênio maligno que emprega seus esforços para enganá-lo, mas o ponto é outro. Descartes toma sua existência como uma hipótese a fim de perseguir o conhecimento indubitável. Pelo caminho racional, o pensador toma tal premissa pelo simples fato de ela

---

<sup>12</sup> DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 41.

trazer uma possibilidade, remota ou não, da existência de tal Gênio com tal pretensão de enganá-lo. Assim, consegue sentir-se mais seguro no que tange a não fundar seu conhecimento sobre um solo possivelmente frágil. Chegando ao *cogito*, Descartes inaugura aquilo que viria a ser problematizado pela epistemologia nos séculos vindouros. Aqui, é estabelecida a notabilidade de uma conclusão inquestionável, da qual só se poderia inferir a existência de um sujeito, quer no corpo ou fora deste, quer acertado ou enganado, seria definitivamente e indubitavelmente existente. O *cogito* ainda não é aquilo que será conhecido por sujeito, que terá sua composição estabelecida pelas faculdades cognitivas na terceira meditação, a saber, a vontade, a intuição intelectual, a imaginação, a memória e a capacidade de julgar. Mas Descartes alcança aquilo que entendeu ser a primeira substância, ainda que este acesso tenha se dado por meio do pensamento tido como atributo do sujeito, ainda que essa substância seja contingente, uma vez que Descartes toma apenas Deus por substância necessária. Para o pensador uma substância seria aquilo que é e existe por si e em si, possuindo uma apresentação real e objetiva, como indicado na obra *Meditações Metafísicas*:

Pois, com efeito, aquelas que me representam substâncias são, indubitavelmente, algo mais e encerram em si (por assim dizer) mais realidade objetiva, ou seja, participam por representação em mais estágios de ser ou de perfeição do que as que me representam apenas modos ou acidentes.<sup>13</sup>

Se o corpo existiria ou não, seria uma questão posterior a ser descoberta, por hora teríamos a chegada do pensador ao *cogito*, o que evidenciaria a existência do sujeito. A conclusão traria importante contribuição também para a evolução de sua metafísica, como podemos notar em Peter Markie:

Descartes também acha que sua afirmação da certeza de seu pensamento e existência desempenha um papel importante em sua metafísica. Na carta em que ele diz que a máxima 'Penso, logo existo' é tão óbvia que poderia ter vindo da pena de qualquer escritor, ele observa que o valor real desta máxima é que ela pode ser usada para 'estabelecer que este eu que pensa é uma substância imaterial sem nenhum elemento corpóreo' (loc. cit.). A ideia de que pode usar sua certeza inicial a respeito de seu pensamento e existência, e sua incerteza inicial a respeito de seu corpo, para estabelecer que ele é uma substância imaterial distinta de seu corpo é um tema perene na filosofia de Descartes.<sup>14</sup>

A forma como compreendo o percurso cartesiano em direção à primeira substância se sintoniza muito à maneira posta por Peter Markie. A máxima colocada por Descartes, me faz perceber sua conclusão a respeito do pensamento como sendo atributo da alma. E como que se conectaria tal atributo à esta substância contingente? Há uma relação entre os conteúdos

---

<sup>13</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 61.

<sup>14</sup> MARKIE, Peter. **O Cogito e sua importância**. In: COTTINGHAM, John (Org.). **Descartes**. Tradução: André Oídes. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2009. p. 173.

mentais e o sujeito (alma) que os conecta. Por meio da constatação do pensamento, atributo, se identifica imediatamente a existência da alma, substância.

Vimos que a chegada ao *cogito* por meio do raciocínio cartesiano, permite a Descartes concluir a existência da alma, imaterial, porém de inquestionável manifestação, como sendo substância contingente que possui o atributo do pensamento, por meio do qual se atinge esta primeira certeza, ou seja, de modo accidental. Apesar de intangível, a alma ou, se preferir, a mente, tem sua existência posta de maneira indubitável no caminho que levou Descartes ao *cogito*. Aqui Descartes também inaugura o sujeito, reconhecido como o eu, ente este que seria o princípio do conhecimento, a consciência da própria manifestação que, ainda que sua presença estivesse submetida a um mundo ilusório, estaria presente, na substância incorpórea, como vemos na obra *Meditações Metafísicas*: "...e descobro aqui que o pensamento é um atributo que me pertence: unicamente ele não pode ser destacado de mim. *Eu sou, eu existo*: isso é certo." <sup>15</sup> Sua manifestação, de seu eu, de sua existência, concretiza e faz indubitável a presença do eu como sujeito, manifestando ou manifestado pela sua alma. Eis a conclusão de Descartes que o leva à sua primeira certeza. Descartes atinge então o conhecimento da primeira substância, sendo esta imaterial, a saber, a alma.

#### 4. A essência dos corpos

Após a utilização da dúvida como método para chegar à sua primeira certeza, Descartes avança, a fim de clarear seus pensamentos em busca de distinguir as informações obscuras das mais evidentes. Ele busca, antes de tomar algo mais como existente, identificar alguns elementos essenciais da matéria que por sua vez independeriam da existência desta, tornando o contrário uma possibilidade maior. Em outras palavras, a investigação sobre a existência dos corpos deve ser precedida pela investigação sobre a essência deles. Alguns elementos percebidos por Descartes cuja manifestação, seja no âmbito que for, não teriam como pré-requisitos a existência no mundo exterior, poderiam ser a causa necessária dessa existência na natureza. Uma vez concebida a ideia de um triângulo não seria necessária sua existência material para assegurar a presença dos elementos essenciais. Dentro ou fora de seu pensamento, sendo de origem interior ou exterior, os três lados de um triângulo, bem como os três ângulos, seriam intrínsecos à própria ideia concebida. Conforme aponta em suas palavras na obra *Meditações Metafísicas*:

E o que descobro aqui de mais considerável é encontrar em mim uma infinidade de ideias de certas coisas que não podem ser estimadas como um puro nada, ainda que talvez não possuam nenhuma existência fora de meu pensamento e não são por mim simuladas, ainda que eu esteja em minha

---

<sup>15</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 44.

liberdade pensá-las ou não pensá-las. Entretanto, elas têm suas naturezas verdadeiras e imutáveis.<sup>16</sup>

Estaríamos aqui diante da distinção clara dos elementos essenciais em relação à matéria, proposta por Descartes. Estaria aí uma evidência da presença de outros elementos, para além do eu cartesiano. Ainda que não pudesse comprovar, a menos por ora, a existência da matéria, não poderia ele negar que a ideia de um triângulo era verdadeira e de natureza própria, não dependente da prévia presença na natureza física, não inventada pelo seu eu, presente ou não no corpo. Tais ideias, assim como seu eu pensante, apresentariam assim as evidências de sua realidade objetiva. As propriedades demonstradas pelo elemento geométrico, ainda que em pensamento, são pertencentes a este elemento e somente a ele. Não poderia conceber Descartes como sendo ele próprio a fonte criativa de tal ideia, imutável, eterna, e evidentemente independente de seu eu. Martial Gueroult nos traz uma contribuição a respeito deste momento:

Sei, a partir de agora, que eu tinha razão em conceder às ideias matemáticas esse valor objetivo. Não apenas eu vejo agora que elas são verdadeiras, mas eu compreendo por que elas o são, sem que eu tenha de me ocupar de saber se alguma coisa existe que lhes corresponda na natureza.<sup>17</sup>

As essências evidentemente presentes dos elementos geométricos não estariam dependentes da existência de tais objetos na natureza para se mostrarem. Seriam percebidas pelos pensamentos.

Antes de avançarmos na reflexão, cabe um aprofundamento, ainda que breve, a respeito da representação do que seria pensamento, para Descartes. O filósofo tomava estes por formas, ou imagens presentes no indivíduo, sendo os pensamentos, conforme tratado anteriormente em outra sessão, atributos próprios da alma. Às imagens, estariam então associadas as ideias, enquanto algumas das formas de pensamento atuavam como os agentes do espírito, oriundo de desejos e juízos praticados, ou realizados. Nas palavras de Descartes em *Meditações Metafísicas*:

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e é exclusivamente a estes que convém propriamente o nome ideia, como quando represento a mim um homem, ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou o próprio Deus. Outros, além disso, possuem algumas outras formas, como quando quero, que temo, que afirmo ou que nego concebo bem então algo como o sujeito da ação de meu espírito, mas adiciono também alguma outra coisa, por essa ação, à ideia que tenho de tal coisa; e desse gênero de

---

<sup>16</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 92.

<sup>17</sup> GUEROUT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 384.

pensamentos, alguns são chamados de vontades ou afecções, e os outros de juízos.<sup>18</sup>

Poderíamos, a partir da referência oferecida, entender que ao tratarmos do pensamento, estamos aqui propondo uma maior aproximação a uma de suas formas concebidas por Descartes, ou seja, as imagens. Assim, podemos avançar na reflexão a respeito da percepção das essências pelos pensamentos. Mesmo que estes não sejam a origem das ideias ou essências, não haveria como não conceber tais essências como de fato presentes, a menos que se escapasse à razão. A existência material estaria condicionada à realidade formal destes elementos, e jamais o contrário. O pré-requisito da presença da natureza seria a própria presença ideal ou essencial de tal elemento. Novamente com Martial Gueroult:

O valor objetivo da ideia é inteiramente independente da existência de uma coisa na natureza, porque ela se fundamenta sobre a indiscutível presença nela de uma realidade objetiva, sobre a razão interna de seu ser que é, nele mesmo, independente dessa existência. Longe dela se fundamentar sobre a existência, é essa existência que se fundamenta sobre ela.<sup>19</sup>

Este raciocínio cartesiano caberia bem às ideias concebidas em relação aos elementos objetivos presentes em sua mente ou concebidas por ela. Para Descartes, a essência dos corpos se encontra na matemática, sobretudo na geometria. O espaço, ou a extensão, seria então um atributo dos corpos e condição de possibilidade do espaço físico. Quaisquer que fossem os elementos físicos e materiais, cujas existências serão verificadas posteriormente, não poderiam ser ao menos concebidos sem a concepção de extensão que pressupõe a essência geométrica. Mas há aqui ainda um problema a ser desvendado antes de ser seguro para pisar firmemente neste solo. E se, como cogitado na sessão anterior, a existência do Gênio maligno fosse real, este que se dedicaria a enganar o eu e o condicionar a tomar as evidências matemáticas por verdadeiras quando não o são? Se esta ainda é uma possibilidade, ela poderia fazer ruir a conclusão cartesiana de que as essências são verdadeiras, uma vez que ele estaria diante de uma ideia que, neste cenário, seria aparentemente evidente, mas verdadeiramente distorcida por tal ser. Antes então de tomar por solo firme, a fim de seguir na construção de seu edifício sólido e seguro, precisaria Descartes eliminar, pela via racional, esta possibilidade. Do contrário, talvez precisasse descartar esta evidência, por não ter certeza se seria verdadeira ou falsa. Assim, cumpre a

---

<sup>18</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 56.

<sup>19</sup> GUEROUT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 385.

Descartes buscar um caminho que o desse subsídios para avançar. Tal caminho passa por provar a existência de Deus, o que daria elementos para tais esclarecimentos.

Não pretendo aprofundar neste trabalho a questão de Deus no percurso cartesiano, ou mesmo em outras abordagens, uma vez que os esforços desta dissertação têm por objetivo demonstrar o caminho cartesiano rumo às substâncias, alma e corpo. Porém, se faz necessária uma breve explanação que servirá para demonstrar a solidez da sequência percorrida por Descartes, o que viabilizaria para o pensador avançar na direção da substância material.

A fim de avançar em seu percurso, Descartes explora a ideia de Deus em busca de compreender a possibilidade de sua existência e seus impactos para as evidências que poderia ou não tomar por conhecimento. A existência de um ser soberano, detido de poder absoluto, poderia impactar suas conclusões racionais, uma vez que tal poder poderia ter a potência inclusive de conduzir o pensador ao autoengano. Sobre tal existência, como vemos na obra *Meditações Metafísicas*, sua demonstração se daria pela própria presença da ideia de um Deus, uma vez que:

...não seria possível que minha natureza fosse tal como é, quer dizer, que eu tivesse em mim a ideia de um Deus se Deus não existisse verdadeiramente, esse mesmo Deus, afirmo, cuja ideia se acha em mim, isto é, que possui todas essas elevadas perfeições das quais nosso espírito pode muito bem ter alguma ideia sem, entretanto, as compreender todas, que não é sujeito a quaisquer falhas e que nada possui de todas as coisas que marcam alguma imperfeição.

Resulta daí bastante evidente não poder ser ele enganador, uma vez que a luz natural nos ensina que o engano depende necessariamente de alguma falha.<sup>20</sup>

Assim Descartes conclui, já na Terceira Meditação, não somente a existência de Deus mas também, recorrendo ao princípio de causalidade, demonstra a impossibilidade de Ele ser um enganador, uma vez que tal engano, por depender de alguma falha, seria uma impossibilidade lógica para um ser perfeito.

Na quinta meditação, Descartes explora um outro aspecto que reforça a existência de Deus. Em suas reflexões delibera se o mecanismo racional de tomar a essência como elemento independente da existência no mundo, estaria presente também na ideia de Deus. Em outras palavras, poderíamos tomar a essência da ideia de Deus como algo independente da existência de Deus em si? Como traz Descartes em *Meditações Metafísicas*:

...persuado-me facilmente que a existência pode ser dissociada da essência de Deus e que, assim, se pode conceber Deus como não existente em ato. Entretanto, quando penso nisso com mais atenção, descubro com evidência que a existência não pode mais ser dissociada da essência de Deus do que da

---

<sup>20</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 76.



essência de um triângulo retilíneo a grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos, ou então da ideia de uma montanha, a ideia de um vale. Resulta não haver menos contradição em conceber um Deus (isto é, um ser soberanamente perfeito) ao qual falte a existência (isto é, ao qual falte alguma perfeição) do que em conceber uma montanha que não possui vale.<sup>21</sup>

Decorre-se daí que, para Descartes, em se tratando de Deus, a própria existência seria componente essencial da ideia de um ser soberano e perfeito que, sendo perfeito, não lhe poderia faltar o elemento essencial da existência. Assim, não haveria como conceber a ideia de Deus desconsiderando parte de sua essência, no caso, a existência. Tal como a presença de três ângulos seria essencial para a concepção da ideia de triângulo, a existência de Deus seria essencial para conceber a ideia de Deus, do que se concluiria que sua existência seria real, como aponta na obra *Meditações Metafísicas*:

E não conheço menos clara e distintamente que uma existência em ato e eterna pertence à sua natureza do que conheço que tudo aquilo que posso demonstrar de alguma figura ou de algum número pertence verdadeiramente à natureza dessa figura ou desse número. E, portanto, embora tudo que concluí nas *Meditações* precedentes não se reconhecesse como verdadeiro, a existência de Deus deve passar em meu espírito ao menos por tão certa quanto aquilatei até aqui todas as verdades das matemáticas.<sup>22</sup>

Tomado de tal conclusão, que conduzia à existência de Deus, Descartes pode avançar em relação à validação de seu conhecimento sobre as verdades objetivas das matemáticas e, por conseguinte, da geometria. Ao conceber que Deus existe, possuindo em sua essência a existência, concebe também a perfeição como atributo de Deus, o que eliminaria qualquer traço enganador, que pressuporia elementos contrários à própria ideia de perfeição, trazendo à luz a eliminação da hipótese do Gênio maligno, ardiloso, disposto a enganar. Martial Gueroult nos traz: “Com efeito, a intuição da essência de Deus me constrange a atribuir necessariamente ao ser perfeito todas as perfeições, isto é, não apenas a existência, mas também a veracidade.”<sup>23</sup> Descartes conquista então mais um degrau sólido no qual poderia se apoiar para avançar em direção à prova das ideias essenciais e, posteriormente, da existência dos corpos. Como aponta Martial Gueroult:

É simplesmente se apoiando sobre a realidade objetiva imediatamente percebida na ideia em questão que ela conseguiu pôr necessariamente como o princípio dessa realidade o Deus veraz que elimina, junto com a hipótese do Gênio maligno, a dúvida metafísica concernente ao valor objetivo dos conhecimentos matemáticos e, de uma forma geral, do conhecimento de todas as essências.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 94.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>23</sup> GUEROUT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 391.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 389.

Minha percepção se dá em muita sintonia com Gueroult. Descartes não mais tinha o obstáculo de um possível ser enganador, que ofuscaria sua percepção, pondo em dúvida até mesmo as informações notadamente claras e distintas que poderiam inicialmente compor seu arcabouço de conhecimentos verdadeiros. Consegue ele alcançar a racionalidade necessária que não mais poderia colocar em dúvida as essências dos corpos, ainda que em ideia, o que lhe conferiria um passo avante em uma metafísica fundamentada em uma estrutura sólida de seu pensamento racional. Se lembrarmos que a ideia essencial poderia se apresentar como pré-requisito à existência dos corpos, podemos notar o importante passo dado por Descartes aqui para se chegar à substância material. Descartes, conquista a certeza da realidade objetiva das essências, componentes das ideias matemáticas e geométricas, e a certeza da realidade objetiva das essências componentes dos corpos. Martial Gueroult nos traz:

...as ideias claras e distintas recuperam o valor objetivo que lhes tinha sido tomado. E as consequências dessa recuperação devem se estender a todas as essências, tanto às essências das coisas materiais quanto à essência de Deus, que é a 'primeira' dentre as essências.<sup>25</sup>

Observando assim a ordem com que a razão de Descartes se estabelece, a prova ontológica se daria de maneira necessária. Estaria provado, para Descartes, que a verdade essencial não seria mais objeto de dúvidas, uma vez que, pelo caminho percorrido e apresentado, nota-se a impossibilidade de existência de um ser enganador, ou de um Gênio maligno, que seria o único capaz de induzi-lo ao engano, no que tange às ideias claras e distintas a respeito da matemática, por exemplo.

Poderia então Descartes seguir em sua caminhada. Já munido de sua primeira certeza, a essência da substância imaterial, e agora mais próximo de atingir outra certeza a respeito da existência da substância material.

## **5. A existência dos corpos**

Conforme constatado na sessão anterior, uma vez reconhecida por Descartes como consistente a prova da existência de Deus, não haveria mais espaço para a presença do Gênio enganador. Assim, as ideias claras e distintas dos objetos corpóreos permitem indagar sobre suas validades objetivas. Sua possibilidade de inexistência não seria maior do que a possibilidade de se apresentar objetivamente no mundo. Uma vez tomada a essência dos corpos por meio da geometria, poderia concluir que uma ideia pensada e geometricamente possível, também poderia ter sua existência no mundo material, uma vez que atenderia aos princípios lógicos e metafísicos necessários.

---

<sup>25</sup> GUEROULT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 389.

Descartes se vale do princípio da causalidade para provar a existência dos corpos, como vemos em *Meditações Metafísicas*:

Ora, para que uma ideia contenha tal realidade objetiva mais do que outra, deve indubitavelmente tê-la de alguma causa em que se encontra pelo menos tanta realidade formal quanto essa ideia contém de realidade objetiva. Com efeito, se supomos que se encontra algo na ideia que não encontra em sua causa, é necessário, conseqüentemente, que ela tenha isso a partir do nada. Mas, por imperfeita que seja essa maneira de ser, graças à qual uma coisa está objetivamente ou por representação no entendimento mediante sua ideia, decerto que não pode, entretanto, dizer que esse modo e maneira não sejam nada, nem, conseqüentemente, que essa ideia extrai sua origem do nada.<sup>26</sup>

Descartes então se vale do princípio de causalidade para provar a existência dos corpos. Tal realidade formal, mencionada por Descartes, deveria existir tal como a realidade objetiva da ideia, ou essência. Descartes consegue assim, após a prova de Deus, caminhar no sentido da prova da existência material, cujas manifestações estão disponíveis aos sentidos por meio da afecção. Tal matéria seria composta pela substância que se mostraria independente da alma ou, se preferir, da mente.

Outro elemento que contribuiu com o filósofo nesta elaboração foi a imaginação, que segundo o dicionário de Descartes, por Cottingham:

...Descartes deixa claro que a imaginação (e o mesmo se aplica à **sensação**) é uma faculdade que me pertence não *qua* substância mental pura, mas somente na medida em que sou uma criatura investida de um corpo - um **ser humano**.<sup>27</sup>

Sendo a existência do corpo condição fundamental para existir a imaginação, esta seria mais uma evidência que levaria Descartes a concluir a real existência dos corpos, como é trazido por ele na obra *Meditações Metafísicas*:

...a faculdade para imaginar que reside em mim, da qual percebo por experiência que me sirvo quando me aplico ao exame das coisas materiais, é capaz de persuadir-me da existência delas; com efeito, quando considero atentamente o que é a imaginação, descubro não ser ela outra coisa senão certa aplicação da faculdade cognitiva ao corpo que lhe é intimamente presente e, portanto, que existe.<sup>28</sup>

A imaginação, que interagiria com os corpos, seria articuladora de elementos inatos e adquiridos, tendo estes últimos ocorridos pela relação de contato e experiência com os corpos e com a materialidade, ou seja, pela afecção com o mundo material. A imaginação se mostraria como uma faculdade responsável pela formação das ideias adventícias, para ligar

---

<sup>26</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 62.

<sup>27</sup> COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 82.

<sup>28</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 103.

o eu à ideia. Esta faculdade estaria assim relacionada ao corpo, portanto à matéria. Descartes conclui que seu corpo seria impactado pelas afecções advindas por meio dos sentidos, o que, pela imaginação, informaria à alma os conteúdos e formas. A própria ideia de uma figura triangular, admite Descartes, poderia ter surgido de contatos com objetos na materialidade que possuíssem tal formato. Esta afirmação não significaria dizer que a essência da figura dependa da existência da materialidade, mas que o acesso a tal ideia essencial pode ter se dado pelo contato com a substância material. Em outras palavras, apesar de termos a essência da ideia de um triângulo, possuidora de três ângulos, independente da existência na natureza material, o despertar de tal ideia no pensador pode ter sido instigado, inspirado, ou originado no contato deste com um objeto material de tal formato, que teria assim incutido na imaginação de Descartes tal ideia, que ainda que não fosse dependente da existência material para se manifestar, poderia por meio desta, ter sido conhecida pelo sujeito, Descartes, ou pelo eu. Descartes nos traz em *Meditações Metafísicas*: “E aqui nada me resta senão contestar-me, que talvez essa ideia do triângulo tenha chegado a meu espírito por intermédio de meus sentidos por ter eu visto ocasionalmente corpos de figura triangular.”<sup>29</sup>

A afirmação, que coloca Descartes frente à evidência da independência de um triângulo em relação a seu eu, também leva Descartes a reconhecer a dificuldade de conceber tal ideia sem ter sido ele afetado por ela por meio dos sentidos. Além de identificar assim, que tal ideia não pode ter sido uma criação de seu eu, percebe os sentidos como o caminho mais provável para ser a fonte de tal ideia. Considerando ele as propriedades presentes no elemento geométrico como a extensão, as toma por verdadeira, uma vez que esta se dá de forma clara e distinta e, como demonstrado na sessão anterior, não mais haveria a possibilidade de existência de um Gênio maligno, único objeto que poderia induzi-lo ao engano em tal aspecto. O triângulo, ainda que visualizado por pensamento, ainda que isso se desse com os olhos fechados, ainda que não estivesse tangível aos sentidos, possuiria natureza própria e se fazia conhecer por meio de seus sentidos. Descartes então nota a viabilidade de tomar por certo os elementos notados clara e distintamente não somente das formas geométricas e das matemáticas, mas também da existência do corpo, por meio da notoriedade da natureza corpórea. Em *Meditações Metafísicas*, Descartes nos traz:

E agora que o conheço, disponho do meio de obter uma ciência perfeita referente a uma miríade de coisas, não apenas daquelas que estão nele, como também daquelas que pertencem à natureza corpórea, na medida em que ela pode ser empregada como objeto às demonstrações dos geômetras, os quais não consideram sua existência.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo: Edipro, 2016. p. 93.

<sup>30</sup> Ibid., p. 101.

Descartes então se percebe com mais um degrau alcançado em sua busca de atingir conhecimentos verdadeiros, tomando por caminho as vias da percepção dos elementos claros e distintos. Suas ideias sensíveis também poderiam ter advindos de contatos com os corpos presentes na natureza. Ao descartar a possibilidade de um Gênio enganador, pelo fato de chegar na prova de Deus como um dos elementos fundantes do conhecimento seguro, perfeito, incapaz de enganar, ou melhor, estando o engano em desacordo com sua natureza perfeita, o conhecimento adquirido pelos sentidos torna-se viável e, mais do que isso, verdadeiro, por onde caminha Descartes para continuar sua construção. Martial Gueroult nos traz:

Agora, Deus me deu uma grande inclinação para crer que essas ideias sensíveis provêm das coisas corporais, ao passo que ele não me deu nenhuma faculdade para saber que elas provêm dele ou de uma substância mais nobre que o corpo. Ora, Deus não é enganador; conseqüentemente, as coisas corporais são a causa dessas ideias sensíveis; logo, elas existam.<sup>31</sup>

Descartes nota que, apesar das ideias sensíveis possuírem natureza independente da existência material, a percepção de tais ideias sensíveis são oriundas, ou são efeitos do contato do eu com as coisas corporais, que a partir deste contato passa a oferecer ao sujeito um aumento de seu arcabouço de ideias, adventícias, tornando o sujeito conhecedor de tal informação. Ao tomar tais ideias adventícias como resultado do contato com a materialidade, causa de tal conhecimento, Descartes admite a consequência inevitável de sua existência. Segue-se daí que o pensador chega à prova da existência da substância corporal, material, física. Em outras palavras, a extensão seria um elemento perceptível pelo sujeito por meio da ideia matemática, geométrica, demonstrando essências que estariam presentes na materialidade, composta por tais elementos essenciais, ocupando o espaço físico no mundo onde reside o corpo que abrigaria o eu, que percebe tais objetos.

Os corpos seriam substâncias cujas essências não dependeriam deles para existir, mas por meio deles se fariam conhecer mais facilmente, uma vez que atingissem a percepção sensorial que trariam as ideias ao eu, estabelecendo, por meio da imaginação, que para Descartes seria a faculdade própria do corpo, a conexão de tais ideias entre mente e corpo, este que abriga aquela e a ela se conecta. O corpo estaria assim evidenciado e provado como mais uma substância, desta vez material, alcançada pelo percurso racional de Descartes. Estaria aqui também alguns elementos que demonstrariam como se daria tal conexão entre essas duas substâncias a saber, o corpo e a alma, ponto este a ser mais explorado na próxima sessão.

---

<sup>31</sup> GUEROUULT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 526.

## 6. A relação do corpo e alma

Como foi possível perceber no encerramento da sessão anterior, nota-se no elemento imaginativo, ou se preferir, na imaginação enquanto faculdade de conexão, um importante papel percebido por Descartes para identificar a relação entre corpo e alma. Não será o propósito deste trabalho discutir o aspecto fisiológico que Descartes percorreu para melhor compreender as conexões físicas do corpo e da materialidade, incluindo aí os movimentos e respostas fisiológicas. O que se pretende aqui explorar é o aspecto metafísico do tema, buscando demonstrar a conexão entendida por Descartes entre corpo e alma.

Ao passo que Descartes nota, nesta direção imaginativa, uma racionalidade que evidenciaria a prova da substância material, também nota aí um sentido que encaminha o entendimento da conexão entre sua alma e seu corpo. Martial Gueroult nos traz:

O problema da união entre alma e corpo já foi evocado anteriormente em duas ocasiões, primeiramente no momento em que Descartes se volta em direção à operação imaginativa para aí procurar um argumento em favor da existência dos corpos, depois no momento em que, se voltando pela primeira vez em direção aos sentidos, ele aí descobre, junto às razões para acreditar nessa existência, aquelas para acreditar na união de minha alma com meu corpo.<sup>32</sup>

Descartes agora estaria apto a seguir com sua hipótese que traz a operação imaginativa trabalhando nesta conexão entre corpo e alma. Até então não era possível ao pensador se apoiar nisso, uma vez que não havia provado a existência do corpo. Porém agora, se percebe frente a um caminho que, de certa forma, traz esses dois elementos como evidentes, a saber, a evidência da existência da substância corpórea e a sua conexão com a substância imaterial da alma. Uma vez que a verdade sobre a existência dos corpos não é mais uma dúvida no percurso cartesiano, a imaginação seria um componente totalmente viável para o percurso racional que ligaria a substância imaterial à material. Martial Gueroult aponta: “Agora, uma vez demonstrada a existência dos corpos, a hipótese em questão adquire força de lei, e a união entre alma e corpo torna-se, *ipso facto*, certa (de uma certeza absoluta)”<sup>33</sup>. Descartes coloca na mesa essas evidências e conexões, mas, ao que parece, deixa para o leitor a responsabilidade de identificar este caminho, uma vez que não extrai tal conclusão a respeito da indubitável conexão como decorrência evidente da existência dos corpos.

O passo dado por Descartes, que o coloca frente à prova dada da existência dos corpos, tendo como um dos fatores o entendimento por meio da imaginação, traz em si uma

---

<sup>32</sup> GUEROUT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 579.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 579.

evidência de tal conexão, uma vez que estabelece uma comunicação dos conteúdos qualitativos, presentes na materialidade, ao eu, este já evidenciado e esclarecido como substância incorpórea que se percebe enquanto duvida ou pensa.

Ao passo que a existência da materialidade se conecta a uma transmissão de informações à substância imaterial, no caso o eu descoberto no *cogito*, uma variedade de informações é passada que não transmitiria o conhecimento integral do objeto representado. Não estariam sendo recebidos integralmente pelo entendimento do eu, pois não estariam conectados ao entendimento completo da coisa em si. Em outras palavras, os aspectos qualitativos dos corpos, percebidos pelo entendimento, não denunciam o ser em si da coisa notada. Seriam aspectos formais que, em razão da percepção superficial, poderiam transmitir uma informação falsa ao entendimento, ou equivocada, enquanto interpretação dos elementos recebidos. Como traz Martial Gueroult:

Desse modo, conforme se trate da falsidade formal ou da falsidade material, Descartes traz duas respostas totalmente diferentes à mesma alternativa: sendo Deus veraz, ou bem o falso não existe, não sendo como tal senão uma aparência, e Deus é desculpado, visto que ao criá-lo ele nada criou que fosse verdadeiramente em si enganador; ou então ele existe, mas, nesse caso, não é Deus o seu autor, mas um nada que nada tem de causa propriamente dita; Deus está, pois, desculpado, visto que não é responsável por isso. No caso da falsidade formal, Descartes opta pela última hipótese. No caso da falsidade material (obscuro e confuso), ele opta pela primeira. O obscuro e o confuso não são intrinsecamente nada de falso. Considerados neles mesmos, eles nos revelam autenticamente a união da alma e do corpo como união substancial, a qual é precisamente causa daquilo que os constitui como tais, como qualidades, e acaba de nos ensinar sobre sua função específica, que é a de servir para salvaguardar essa união. Avaliados dentro desse limite, eles são verídicos e suas pretensões se apresentam como legítimas. Devemos mesmo reconhecer que neste caso eles são insubstituíveis. Assim, eles estão justificados intrinsecamente no que respeita ao homem e, dessa forma, metafisicamente em relação a Deus, que é seu autor.<sup>34</sup>

Em minha concepção e entendimento do que está posto, independentemente da interpretação feita pelo eu a respeito do objeto percebido, este existe em si com todas as suas qualidades, e sua veracidade é real. Apesar disso, a transmissão de suas qualidades passam por um filtro determinado pela capacidade de percepção do indivíduo que as recebe. Conforme aponta Gueroult, ao optar pela hipótese de inexistência da falsidade da materialidade, ao identificar como culpada a aparente informação equivocadamente interpretada, Descartes demonstra que não se trata de uma falsidade, mas de uma obscuridade que confunde os sentidos e inevitavelmente também confunde o entendimento

---

<sup>34</sup> GUEROULT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Maria Donatelli, César Augusto e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 586.

presente no eu, o que demonstra a união da alma e do corpo como elementos inevitavelmente conectados em, como dito, uma união substancial.

## 7. Conclusão

Um fascinante percurso trilhado por Descartes por meio de seu método o colocou de frente a alguns desafios que o levaram a conclusões lógicas que lhe viabilizaram a certeza de alguns conhecimentos. Neste método, Descartes parte das evidências, por onde toma aquilo que é claro e distinto para se guiar no caminho da verdade. Ainda antes de se deparar com sua primeira certeza, o *cogito*, surge um problema, a possibilidade de existência de um Gênio maligno que o ludibriaria a acreditar em evidências falsas. Tal problema é eliminado com a prova de Deus, atingida por Descartes na segunda meditação.

Descartes inaugura um novo modo de se olhar o conhecimento humano, a partir do sujeito. Ao aplicar seu método em busca de conhecimentos verdadeiros, ele compreende não somente um mecanismo para viabilizar o acesso a conhecimentos a partir do sujeito, mas outros desdobramentos também decorrem deste percurso. A primeira certeza de Descartes foi sua descoberta do *cogito*, apresentada na terceira seção deste trabalho. Esta seria a única que inicialmente independeria da existência de um Gênio maligno uma vez que, estivesse ou não este Gênio a lhe enganar, ainda assim a existência do eu seria evidente, uma vez que precisaria ele existir para ser enganado. Ao se deparar com o problema da possibilidade de existência de tal Gênio maligno, único capaz de evitar a certeza dos conhecimentos matemáticos evidentes, Descartes por meio do crivo da razão chega a provar a existência de Deus a fim de superar tal problema, uma vez que em tal ideia de perfeição não poderia conter o erro, ou enganação, o que evidenciaria que tais falhas não poderiam ser atribuídas a Deus. Além disso, a ideia de Deus não poderia deixar de ter o elemento da existência, esta que seria um aspecto essencial de um ser perfeito. Disso decorre a segurança necessária para Descartes avançar com suas certezas matemáticas, além dos conhecimentos alcançados por meio daquilo que era claro e evidente aos sentidos, uma vez que a existência de tal Gênio enganador tinha sido eliminada.

Na quarta seção, Descartes investigou a essência dos corpos, identificando esta como sendo anterior ao próprio corpo presente no mundo, sem deste depender para existir. Mais uma vez, descartada a possibilidade de existência do Gênio maligno, as essências geométricas passam a adquirir validade formal, uma vez que não é possível conceber a ideia de um triângulo sem que este tenha três ângulos.

Uma vez as essências alcançando patamar de validade formal, foi possível vermos na quinta seção que Descartes prova a existência dos corpos por meio do princípio da



causalidade. Para Descartes, através da imaginação surgiria a possibilidade de existência dos objetos reais. Uma vez que Deus é perfeito e não enganador, as ideias presentes em seu intelecto deveriam se referir a objetos reais no mundo que, por meio da sensação, afetariam seus sentidos, evidenciando assim a existência do corpo, o que denunciaria a presença de uma outra substância distinta da alma, a saber, o corpo.

Finalmente na sexta seção, tal relação entre alma e corpo é então explorada, após os elementos dados, de maneira a concluir este trabalho com o entendimento a respeito da veracidade não somente da existência das substâncias corpo e alma, mas também da existência de uma relação entre eles. Descartes se vê na posição de dar prosseguimento em sua hipótese que traz na imaginação a faculdade que denunciaria a existência dos corpos percebidos pela sensação, o que evidenciaria uma relação entre as duas substâncias uma vez que Deus não engana. Inicialmente não se havia a prova da existência do corpo, mas depois do percurso trilhado, por meio das evidências e da prova da existência de Deus, Descartes atinge também esta certeza. Não somente a alma evidentemente existia, mas também o corpo, este sendo uma substância distinta, porém que se relaciona e se comunica com a alma.

## Referências

- BITENCOURT, J.A. **Descartes e a invenção do Sujeito**. São Paulo: Paulus, 2017.
- COTTINGHAM, John. **Descartes**. Tradução: André Oídes. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2009.
- COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: **Descartes: Obras escolhidas**. GUINSBURG, J.; ROMANO, R. e CUNHA, N. (Orgs.). Tradução: GUINSBURG, J.; PRADO JR., B.; CUNHA e GUINSBURG, G.K. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.
- DESCARTES, René. **As paixões da Alma**. Tradução: Heitor Afonso de Gusmão Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora Pimenta de Mello, 1930.
- GUEROULT, Martial. **Descartes Segundo a Ordem das Razões**. Tradução do francês: Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Marisa Donatelli, César Battisti e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Descartes a Metafísica da Modernidade**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- MARKIE, Peter. **O Cogito e sua importância**. In: COTTINGHAM, John (Org.). **Descartes**. Tradução: André Oídes. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2009.